

PRE

PRE

PRE

FÁ FÁ

FÁ FÁ

FÁ FÁ

FÁ FÁ

FÁ FÁ

FÁ FÁ

CI

CI

CI

0

0

0

0

0

0

Prefácio

Maria Celeste Natário



Caminhamos vertiginosamente para um mundo novo, que se está a gerar num tumulto e na dor da nossa época.

Raul Brandão, *Duas linhas sobre teatro* (1925)

Fiel aos projectos de diálogo inter-artes, o trabalho que aqui se apresenta constitui o 4.º volume de uma série em que filosofia, literatura, teatro, dança, música juntam investigadores e artistas, aproximando conhecimento, saber, experiência e instituições culturais.

O ponto de partida teórico decorre principalmente de um autor português, seja filósofo, poeta ou escritor. Esse é o primeiro momento para iniciar o diálogo. Depois, convocam-se novos autores cujas afinidades e paralelismos possam encetar-se. A investigação que Hugo Calhim e Joana von Mayer iniciam, enquanto investigadores do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, apresenta essa singularidade, mas os diálogos continuam com os interlocutores convidados para pensar e debater o tema ou temas propostos.

Desde Teixeira de Pascoaes, o poeta-filósofo escolhido para o projecto “O céu é apenas um disfarce azul do inferno”, a Almada Negreiros, com o projecto “Da Insaciabilidade no caso ou ao mesmo tempo um milagre”, a Raul Leal, com o projecto “Dos Suicidados – o vício de humilhar a imortalidade”, e agora com o presente trabalho, “Fecundação e Alívio Neste Chão Irredutível onde Com Gozo Me Insurjo”, são desenvolvidas temáticas em que, partindo da poesia, do ensaio, da novela, assistimos a um crescendo de contestações e irreverências, interpretadas hoje a partir do universo temporal que vai do início do século XX até 1963, data do último texto, “O Mestre”, de Ana Hatherly.

Numa transversalidade que comporta alguma ousadia, a origem aqui acontece com Pascoaes, também ele o Poeta das Origens, da Natureza, da Saudade, do jogo da matéria e do espírito, da alma e do corpo, do dia e da noite, da Terra e do Céu. Com *A Águia*, voou por montanhas e vales num bailado de Luz e Sombra nem sempre compreendido, mas onde o espelho humano sempre teima em reflectir a maior cumplicidade.

K4 Quadrado Azul, folheto satírico considerado futurista, e denominado como “Poesia terminus” pelo seu autor, é texto e pretexto em que Almada Negreiros, agora à volta da revista *Orpheu*, relaciona dois personagens de forma metafórica e onde a geometria e verdade absoluta das coisas são colocadas em “evidência”, com grafismo de capa de Amadeo de Souza-Cardoso, de quem fora muito próximo.

Raul Leal foi o autor escolhido para prosseguir nestes diálogos, apesar do niilismo em excesso que é apontado como característica do autor de *Sodoma Divinizada*, onde escreve: «A vertigem é, com efeito, a suprema imprecisão anti-racional, ou antes, ultra-racional das coisas mergulhadas no infinito de Deus. E é por mergulharem no infinito de Deus que as coisas são imprecisas, incertas, vertigicas. Logo a VERTIGEM É SAGRADA, é divina».

Foi precisamente esta ideia, categoria, conceito – “Vertigem” –, que interessou aos autores do projecto. Numa linha que diríamos dramática, Raul Leal interpretou-se numa intensa relação com a existência, onde o paradoxo, a afirmação e a negação (à semelhança do mito de Orpheu) é vivida com tal intensidade e limite que o movimento, precisamente o vertiginismo, foi a forma que designou para falar da sua relação com a vida e o “real”. Do “atelier” de *Orpheu* em que também se inscreveu, tal como Almada, foi sobretudo com Fernando Pessoa a sua maior e mais profunda relação (“alto génio especulativo e metafísico”, foi o modo como Pessoa se referiu a Raul Leal).

A coerência deste projecto que consideramos subdividido em partes, também em capítulos, embora com diversos alicerces teóricos, segue um caminho e uma direcção em que a indefinição, os paradoxos, os contornos utópicos, sempre cada vez mais presentes, não deixam de nos remeter sempre para um “outro chão irredutível”. É a indefinição, a confusão, a rejeição das oposições mais clássicas entre o humano, o divino e o diabólico, um certo absurdo e trans-humano que se pretende possam dialogar, superar, fecundar um mundo novo.

A quarta parte deste projecto, que agora é reunida neste volume, interpretamo-la como uma espécie de corolário que já se perspectivava desde o início. Nesse sentido, é o conceito filosófico de *irredução*, tema que Bruno Latour desenvolve numa das suas obras que vai dialogar, no panorama do pensamento português, com Ana Hatherly. Se as *Irréductions* do antropólogo e filósofo francês pressupõem a destruição de barreiras e classificações pré-demarcadas, é igualmente um outro olhar sobre a ciência e o conhecimento, privilegiando a interação entre o discurso científico e a sociedade. As práticas científicas de Bruno Latour, um dos fundadores de “Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia”, projecto iniciado em 2013, tendo como base uma pesquisa colectiva sobre os modos de existência. Nele dialoga com as mais diferentes e inovadoras formas de aproximação de conhecimento, numa perspectiva “irreduccionista”, permitindo conexões e transgressões que no universo teórico como na prática (questões políticas, ambientais...), e por maiores perplexidades geradas, ressoam de diversos modos neste projecto.

À luz ou à sombra de um vanguardismo que relê criticamente a tradição, numa busca e abertura de horizontes, perspectivada antropológicamente na relação, a presença multifacetada da artista Ana Hatherly acontece entre a poesia experimental, os terrenos da literatura, das artes plásticas, do cinema e da crítica literária. Sempre direccionada para fora do sistema e de um sistema fechado, escrevendo à margem de interesses públicos e académicos, é a sua deriva pelas suas formas várias de expressão que “concretizam” as linhas de uma invisibilidade que acaba por fazer emergir a “necessidade” de uma nova linguagem, uma linguagem que possa apontar o excesso.

Considerada desde cedo pelos críticos como transgressora, foi a exploração de caminhos não traçados, onde o acto criativo favorece uma perspectiva meta-crítica e auto-referencial sobre a experimentação poética, como outras experiências criativas transversais, sejam verbais, visuais ou plásticas, que ajudaram na construção do projecto que este volume reflecte.

Pela nossa parte, como coordenadora do RG “Raízes e Horizontes da Filosofia e Cultura em Portugal”, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, foi com alguma timidez inicial que acolhemos o projecto; porém, ao longo do tempo, fomos surpreendidos com as infinitas possibilidades de caminhos a trilhar, sobretudo hoje, onde não parece mesmo ser possível renascer de um Céu como disfarce azul do Inferno. ☞



The snake was pale gold / Glazed and shrunken / We were afraid to touch it / The sheets were hot dead prisons / And she was beside me